

## COMPORTAMENTO FONÉTICO-FONOLÓGICO DA VOGAL POSTERIOR MÉDIA FECHADA /O/, EM CONTEXTO TÔNICO, NO FALAR DOS MUNICÍPIOS DE ITACOATIARA E MANACAPURU

Edson Galvão MAIA\*

*ABSTRACT: In this paper, we observed the raising of the posterior middle-closed stressed vowel /o/, through the data collected for the Atlas Lingüístico do Amazonas (ALAM - Cruz, 2004). We aimed to verify the hypothesis raised by Cruz (2004) - that it is a phenomenon in extinction. We observed two cities previously researched for the ALAM (Itacoatiara and Manacapuru), in informal situation of spontaneous speech. We used the Geolinguistics method based on Sociolinguistics to analyze the data. The subjects of this research were a man and a woman distributed according to age (three for each age group) in each city - twelve informants total. The analysis of the data transcribed phonetically corroborates the hypothesis that the raising might be in extinction, since the occurrences do not exceed 4,3% - most of it in the third age group, a fairly small number in the second one and no occurrences in the first one.*

*KEYWORDS: Dialectology; Sociolinguistics; Phonetic Variation.*

### 1. Introdução

Com a realização deste projeto, propôs-se investigar o fenômeno do alteamento da vogal posterior média fechada /o/, como em “canao” [ka'nua], em situação de fala espontânea. Esse fenômeno é considerado relevante na fala do Amazonas, por ter sido observado por estudiosos na área de Linguística como Vasconcellos (apud CRUZ, 2004), Nascentes (apud CRUZ, 2004) e Monteiro (apud CRUZ, 2004). Corrêa (1980), há mais de vinte anos, pôde constatar a ocorrência do fenômeno, em pesquisa realizada nos municípios de Itacoatiara e Silves. No entanto, o mais recente trabalho de pesquisa dialetológica realizado no Estado do Amazonas, o Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM (CRUZ, 2004), mostra que talvez este seja um fenômeno em extinção, já que, em nove localidades estudadas, os registros para esse fenômeno foram quase insignificantes e, em alguns municípios, não houve ocorrência. Como o *corpus* que foi analisado para a elaboração do ALAM foi o coletado em situação de perguntas e respostas objetivas, por meio de questionário, portanto, em situação mais formal, não se pode afirmar que esse seja um fenômeno em extinção. Logo, investigar a ocorrência desse fenômeno, com o *corpus* proveniente do ALAM, em situação de elocução livre, consistiu na principal meta deste trabalho.

Os municípios investigados nesta pesquisa foram Itacoatiara e Manacapuru, sendo o primeiro um dos que foram estudados por Corrêa (1980), que verificou a ocorrência do alteamento, e por Cruz (2004), que não registrou quase nenhum caso dessa variação. Nesse sentido, foi de suma importância esta investigação, uma vez que se pode observar se o alteamento da vogal tônica /o/ também ocorre em situação de fala livre e, assim, se pensar com maior veracidade que seja um fenômeno em extinção.

Com o desenvolvimento deste trabalho objetivou-se também contribuir para a ampliação do conhecimento linguístico do Estado do Amazonas, por meio da constituição de um banco de dados, através de transcrições grafemáticas, que possibilitará pesquisas

---

\* Mestrando em Letras – Estudos da Linguagem; Universidade Federal do Amazonas.

posteriores, uma vez que não há, no Amazonas, tradição de pesquisas na área da Dialetologia, considerando a vastidão do território, entre outras questões diversas.

Utilizou-se a mesma metodologia do *Atlas Linguístico do Amazonas* – ALAM (CRUZ, 2004), que se apóia na metodologia apresentada pela Geolinguística e pela Sociolinguística Variacionista, investigando seis informantes em cada uma das localidades, sendo um homem e uma mulher em três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante.

## 2. Fundamentação teórica

### 2.1 A Geolinguística e a Sociolinguística

A Geolinguística é um método da Dialetologia que até hoje se mostra eficaz para o conhecimento das variantes populares de uma língua. No que se refere à Dialetologia, Silva Neto (1957) afirma que compreende um campo mais vasto, o da Etnografia, ciência que se ocupa da cultura de um povo.

O método geolinguístico foi aperfeiçoado e difundido por Jules Gilliéron, autor do *Atlas Linguístico da França (ALF)*, publicado entre 1902 e 1910. Esse método possibilita reconstruir a história de palavras, de flexões, de agrupamentos sintáticos e de antigas camadas da língua, segundo a repartição dos tipos geográficos atuais, o que se dá através da elaboração de atlas que reúnem cartas em que se registra o material linguístico encontrado na fala de informantes, submetidos a um questionário previamente elaborado, permitindo o acompanhamento das vias de difusão das palavras, a observação da pronúncia e dos meios de expressão que dispõe o grupo humano estudado, bem como a obtenção de informações preciosas sobre a história cultural da região onde este grupo habita. A Dialetologia difundiu-se, então, a partir do final do século XIX, na Alemanha, Itália e França.

Em Portugal, destaca-se, na mesma época, José Leite Vasconcelos, o primeiro a oferecer um retrato panorâmico e minucioso da diversidade do Português em sua obra *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, de 1901, e Manuel de Paiva Boléo, que elaborou o primeiro questionário lexical e etnográfico de Portugal, denominado *Inquérito Linguístico Boléo (I.L.B.)*. Foi o primeiro grande incentivador do projeto de um atlas linguístico-etnográfico de Portugal.

No Brasil, os pioneiros na área são Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha.

Nascentes (1922 e 1953) apresenta uma proposta de divisão dialetal do Brasil que tem orientado estudos nas áreas de Dialetologia e Sociolinguística, os quais têm confirmado as hipóteses por ele formuladas.

Nascentes (*apud* CRUZ, 2004) ainda observa duas fases da evolução da Dialetologia no Brasil: a primeira, inicia-se com a publicação de um estudo realizado por Borges de Barros, em 1826, e, a segunda, com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, em 1920. Na década de 90, Cardoso & Ferreira (1994) retomam as ideias propostas por Nascentes, em 1952, e acrescentam uma terceira fase, que se inicia em 1952, com a criação da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa tendo como objetivo principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

O primeiro atlas linguístico regional do país, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB, é publicado em 1963. Hoje, têm-se oito atlas regionais publicados, além de alguns em andamento e a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, em curso desde 1996, sob a coordenação da professora Suzana Alice Cardoso, da UFBA.

As inúmeras publicações de atlas linguísticos regionais e nacionais, bem como os diferentes e inovadores projetos em curso que abrangem famílias de língua – como o *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) – ou um conjunto de países – como o *Atlas Linguarum Europae* (ALE) – comprovam a singularidade da Geolinguística, como método de registro e análise da diversidade linguística e como esta vem sendo enriquecida com avanços técnicos e novas tendências metodológicas, inclusive com a interface dos métodos da Sociolinguística, bastante discutida.

A Sociolinguística ou Teoria Variacionista é, segundo Tarallo (2003), um modelo teórico-metodológico que busca analisar e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. O modelo nasce em oposição a uma linguística estrutural, a qual desde os seus primórdios eliminou de seu campo tudo o que existe de social da língua, considerando-a um fato social. Foi iniciada pelo americano William Labov, na década de 60, sendo eficaz para a análise de dados linguísticos ao relacioná-los às variantes sociais, os fatores extralinguísticos, como o nível de formalidade do discurso, a escolaridade, faixa etária, sexo e nível socioeconômico do informante.

Baseando-se no fato de que a Sociolinguística estuda as relações entre as variantes linguísticas e as variantes sociológicas, Preti (1994) afirma que esta se liga à etnolinguística, estudo da mensagem linguística em ligação com o conjunto de circunstâncias da comunicação.

Em sua tese de doutorado, Cruz (2004) registra a fala do Amazonas numa perspectiva sociolinguística, utilizando-se da proposta apresentada por Radtker Thun (*apud* CRUZ, 2004), de transformar a Geolinguística Tradicional no que chama de “Geolinguística Moderna” ou “Dialetoлогия Pluridimensional” que combina os parâmetros diatópicos com o diastrático e o diageracional, dentre outros que incluem o apoio da Sociolinguística. Cruz (2004) enfatiza ainda a importância de se aperfeiçoar a metodologia da Geolinguística, o que, segundo a autora, já vem sendo feito em alguns atlas, mostrando que esse novo rumo que está tomando a Dialetoлогия resultará em um grande avanço sincrônico e diacrônico, sem a perda de sua característica diatópica.

## 2.2 Uma característica do falar do Norte

“Nos últimos anos, muitos pesquisadores têm se interessado em estudar os diferentes falares do português do Brasil, entre outros motivos também pela necessidade de adequar o ensino da língua materna às realidades linguísticas regionais” (CRUZ, 2004, p.19).

Segundo Cruz (2004), a maioria dos pesquisadores sabe que é na língua que se refletem os complexos valores dos grupos sociais, sendo necessário, portanto, conhecer os falares que os individualizam, de modo a detectar o legado de nossos antepassados neles ainda presentes e as contribuições das novas gerações, retratando assim, a dinâmica não só da língua, mas também da cultura de seus usuários.

Nesse contexto, inserem-se estudos como o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, pioneiro no Estado, por fornecer um quadro das características sócio-culturais da região e um rico material para pesquisas dialetológicas e o aprofundamento do conhecimento da realidade linguística e sócio-cultural brasileira. E uma de suas observações é que há um parco conhecimento sobre a fala da região Norte do país.

A pesquisadora destaca ainda um fenômeno fonético considerado relevante para um maior conhecimento da fala amazonense, a realização com alteamento da vogal tônica /o/, como em “proa” que se pronuncia [‘prua].

Esse é um fenômeno já há muito tempo observado por pesquisadores da área e considerado como caracterizador do falar nortista. Para Nascentes (*apud* CRUZ, 2004), essa seria uma herança da língua tupi. Monteiro (*apud* CRUZ, 2004), historiador amazonense, fala em herança mestiça, parte do complexo étno-cultural-brasileiro.

No entanto, um fato curioso e que chama a atenção é uma das conclusões da pesquisadora:

“O que se pôde perceber nesta pesquisa é que este talvez seja um fenômeno em extinção, pelo menos nas nove localidades pesquisadas, pois foram quase insignificantes os registros relativos a esses casos”. (CRUZ, 2004, p. 110)

Na realidade, foram constatadas apenas quatro ocorrências com informantes da 2ª faixa etária (36 a 55 anos); dois do gênero feminino, em Lábrea e Humaitá, e um do gênero masculino, em Parintins. Não houve nenhum caso desse fenômeno nos municípios de Manacapuru e Itacoatiara, mesmo sendo este último uma das localidades estudadas por Corrêa (1980), onde se comprovou o fenômeno.

Vale ressaltar que a pesquisa de Cruz (2004) foi realizada privilegiando dois momentos: um, de fala formal, com respostas a um questionário, e outro, de fala espontânea. Para o ALAM, utilizou-se o *corpus* realizado no momento formal, o que pode gerar um certo “cuidado” na maneira de falar por parte dos informantes.

É nesse sentido que se buscou, através deste trabalho, coletar dados que possam comprovar ou não a extinção desse fenômeno, analisando o *corpus* do ALAM, em situação de fala espontânea.

### 3. Fundamentação metodológica

Este trabalho utilizou parte dos dados coletados para a elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (Cruz, 2004), registrados em entrevistas, gravadas em fitas magnetofônicas, nas localidades de Itacoatiara e Manacapuru. Como o ALAM apoiou-se na metodologia empregada pela sociolinguística variacionista, os dados foram aqui investigados também sob essa perspectiva.

Dessa forma, foram investigados 6 informantes por município, sendo 1 homem e 1 mulher, nas seguintes faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante, sendo, então, investigados um total de 12 informantes.

Primeiramente, desenvolveu-se um estudo referente às áreas da pesquisa – dialectologia e sociolinguística – que constituiu o fundamento teórico-metodológico para a realização deste trabalho. Estudo que abordou desde os conceitos, os históricos e as fundamentações dessas teorias até as regras para a realização do trabalho prático, de transcrição e análise dos dados, além de mostrar exemplos e resultados de pesquisas nessas áreas.

A partir daí, partiu-se para a prática, realizando-se as transcrições grafemáticas de toda a elocução livre, que constituíram o banco de dados, o qual possibilitará pesquisas futuras nos vários níveis lingüísticos. Foram transcritas as partes da entrevista de conversação livre, em que os informantes narravam algum fato importante ocorrido em suas vidas (casamentos, filhos, viagem, trabalho, etc.) ou falavam sobre lendas e festas características de sua região, contidas em 18 fitas que constituem parte dos dados coletados para projeto ALAM, mas que não foram utilizados no mesmo, por esse tipo de análise não fazer parte do objetivo daquele projeto.

Faz-se necessário o esclarecimento acerca da não investigação da informante do sexo feminino da 3ª faixa etária no município de Manacapuru, uma vez que não foram registrados os dados de elocução livre da mesma no *corpus* do Projeto ALAM, não sendo possível, portanto, a realização da análise comparativa da fala desta informante que não apresentou nenhum caso de alteamento em situação de perguntas e respostas objetivas.

Todos os dados grafemáticos foram transcritos de acordo com as normas apresentadas por Preti (1993), para o Projeto NURC / SP. Foram também realizadas as transcrições fonéticas do fenômeno de alteamento da vogal /o/ para [u], de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Ao fim dessa etapa, foi realizada a análise dos dados fonéticos, optando-se por inserir em programa computacional apenas os dados que apresentaram o fenômeno de alteamento.

### 3. Resultados obtidos e discussão

Observando o comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar dos municípios de Itacoatiara e Manacapuru pode-se alcançar todos os objetivos propostos neste projeto, dos quais a elaboração do banco de dados e a investigação, nessas duas localidades, da hipótese do fenômeno de alteamento, que há muito tempo vem caracterizando o falar nortista.

A constituição do banco de dados foi obtida através da realização da transcrição grafemática das entrevistas em situação de elocução livre do material coletado para a elaboração do Projeto ALAM e representa uma contribuição para futuros estudos tanto nos níveis fonético e fonológico, quanto no semântico, lexical, sintático e até discursivo da linguagem. Nos anexos é possível visualizar um pequeno trecho do banco de dados.

No que se refere ao alteamento, verificou-se que, nas duas localidades, foram poucos os registros realizados em situação informal de enunciação, apenas cerca de 4,3% das ocorrências possíveis de serem realizadas com o fenômeno de alteamento. Índice este que diminui para aproximadamente 3,2% em Manacapuru e tem um aumento de 1% em Itacoatiara (foi registrado aproximadamente 5,3% das ocorrências realizadas com o fenômeno).

Para melhor abordagem da situação, observe-se o resultado total de ocorrências do ***município de Itacoatiara***:

Uma análise minuciosa desses dados leva-nos a reafirmar a hipótese levantadas por Cruz (2004) acerca da extinção desse fenômeno no Estado do Amazonas, especificamente nessas localidades, o que adquire mais fundamento quando pensamos na pesquisa de Corrêa (1980) que inclui o município de Itacoatiara. A mesma constatou um número bastante significativo de ocorrências de alteamento, porém, e é importante ressaltar, há 30 anos atrás, dado que, juntamente com a análise dos fatores sociolinguísticos, em especial a faixa etária, só vem confirmar tais suspeitas. O alteamento da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, pode sim estar em processo de extinção: ocorria com frequência em 1980, ainda ocorre com baixa frequência na 3ª faixa etária (são 12 casos em 140 possíveis realizações, aumentando no sexo feminino – 6 casos em 31 possíveis realizações); é quase insignificante na 2ª faixa etária (só se registra 1 caso, com o sexo masculino, em 71 possíveis realizações); e não ocorre com a 1ª faixa etária (nas 34 possíveis realizações).

**Total de ocorrências possíveis de serem realizadas com alteamento: 245**

INFORMANTE	Transcrição Grafemática	Transcrição Fonética	Transcrição Fonológica
<b>2ª faixa etária, masculino</b>	por	[ˈpuh]	/ˈpoR/
<b>3ª faixa etária, masculino</b>	por	[ˈpuh]	/ˈpoR/
	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
	fomo(s)	[ˈfũmu]	/ˈfomoS/
	fomo(s)	[ˈfũmu]	/ˈfomoS/
	fomo(s)	[ˈfũmu]	/ˈfomoS/
	por	[ˈpuh]	/ˈpoR/
<b>3ª faixa etária, feminino</b>	por	[ˈpu]	/ˈpoR/
	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
	fomo(s)	[ˈfũmu]	/ˈfomoS/
	fomo(s)	[ˈfũmu]	/ˈfomoS/
	fomo(s)	[ˈfũmu]	/ˈfomoS/
	por	[ˈpu]	/ˈpoR/
Total de Ocorrências realizadas com alteamento: 13 (5,3%)			

Figura 1 - Resultado total de ocorrências do município de Itacoatiara

No *município de Manacapuru* a hipótese do desaparecimento desse fenômeno é mais visível. Observe-se a figura:

**Total de ocorrências possíveis de serem realizadas com alteamento: 213**

INFORMANTE	Transcrição Grafemática	Transcrição Fonética	Transcrição Fonológica
<b>2ª faixa etária, masculino</b>	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
	como	[ˈkũmu]	/ˈkomo/
Total de Ocorrências realizadas com alteamento: 07 (3,2%)			

Figura 2 - Resultado total de ocorrências do município de Manacapuru

Nota-se que neste município, as ocorrências do fenômeno são menores, apenas 7 num total de 213 possíveis de realização, e, assim como em Itacoatiara, ocorre um processo de mudança, ou seja, passa-se a realizar a vogal em estudo não mais como [u], mas em sua grande maioria como [o]. Assim, observa-se a inexistência de casos na 1ª faixa etária, mesmo com 49 vocábulos em que se poderia realizar a vogal [u]; a realização do fenômeno apenas 7 vezes, sendo a mesma palavra, por um único informante, entre as 131 possíveis na 2ª faixa etária; e também a falta de realizações na 3ª faixa etária, na qual constatou-se 33 vocábulos

em que se poderia utilizar a vogal alta, ainda que, devido a alguns problemas, já destacados no item 3.2, não foi possível a investigação do sexo feminino nesta faixa etária.

Observando-se o fenômeno em foco do ponto de vista sociolinguístico, nota-se ainda que, quanto ao sexo, de maneira geral, os homens estão conservando mais o alteamento, enquanto as mulheres “optam” por utilizar a variante mais prestigiada, ou seja, a realização do /o/, o que ocorre nas duas localidades estudadas.

#### 4. Conclusões

Considerando a pouca exploração no Brasil de pesquisas dialetológicas, em especial, no Estado do Amazonas, observa-se a importância de estudos como este, a fim de caracterizar os falares da região que, como parte da cultura amazonense, é uma riqueza que não pode ser esquecida.

De acordo com os dados já transcritos e analisados pode-se prever que o fenômeno em estudo – o alteamento da vogal posterior média fechada /o/ para [u], em contexto tônico, pode estar realmente em extinção, no entanto, a natureza deste trabalho e a pouca abrangência do mesmo em meio à vastidão do território da Região Norte não permite fazer nenhuma afirmação quanto a isso. O que parece visível é que nas localidades de Itacoatiara e Manacapuru encontra-se um processo de mudança e é fácil deduzir que se os jovens (a 1ª faixa etária) não realizam o alteamento, este será logo um fenômeno extinto.

Se por um lado não se pode fazer uma afirmação categórica de que este é um fenômeno em extinção, só nesses poucos meses de pesquisa e nesse material transcrito, já puderam ser despertados olhares para outros horizontes, através do estudo do mesmo fenômeno nas demais localidades estudadas por Cruz (2004) para a elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, que representam as nove microrregiões do Estado. Pretende-se, assim, continuar investigando essa ocorrência no Amazonas, além de ampliar o banco de dados, cujo material linguístico possibilitará que outras pesquisas possam ser desenvolvidas nesse campo e nos demais ramos da Linguística, sempre tendo em vista que a língua não é, como pensam muitos, algo cristalizado, imutável, pelo contrário, está em constante transformação, pois é viva, e acompanha o processo de mudança da sociedade. Dessa forma o falar do Amazonas merece ser melhor investigado, pois a língua se desenvolve continuamente, se transforma, se renova e vai continuar sempre assim, mudando...

## Anexos

### Exemplo de transcrição grafemática do *corpus*

#### LEGENDA:

- E: Entrevistador (a)  
I : Informante  
H: Uma terceira pessoa na conversação  
MAN: Manacapuru  
002B: Segunda faixa etária  
F: Sexo feminino

MAN 002 BF – Fita 50, Lado A, 113 – 150

(...)

E. aí:: agora eu vou perguntar:: ... assim individualMENte... - - quer dizer - - o senhor já me contou... um fato importante da sua vida... uma coisa... que foi... a sua infância...

H. éh

E. né::? ... e agora (quero saber) a dona RaiMUNda...

I. ah ((risos))

E. que ela fale... um pouquinho pra mim de alguma coisa importante ((rindo))... da sua vida ((risos))... o que a senhora inte / se for até... senhora quiser me contar... a história do se casaMENTo...

H. ((risos))

E. como é que FOI... se a senhora / porque ele me contou... ele me contou numa boa héin:: ...

I. **pois**<sup>1</sup> é... ele / **foi**<sup>2</sup> assim mesmo... que ele **contou**<sup>3</sup>:: ... nas nossa vida... **foi**<sup>4</sup> assim... EU... conheci ele... numa... numa festa né? ... numa sédia... inclusive... eu pon / eu pensei:: ... que ele era... um tio dele...

E. ahn

I. que eu não gostava del / daquele... não gostava do jeito dele... quando eu... chegava na porta que via ele... eu não gostava... aí ele estava na porta e eu d / eu falei que / ... **poxa**<sup>5</sup> de **novô**<sup>6</sup> esse **homem**<sup>7</sup> aqui...

E. ((risos))

I. aí eu... **pronto**<sup>8</sup> ... **foi**<sup>9</sup>:: eu entrei na sédia... não deinema confiança... então teve um dia que... justamente e / ... eu fui **noiva**<sup>10</sup>... éh:: quatro ano... quase cinco ano:: ... eu fui **noiva**<sup>11</sup>... aí::

E. Olha... largou o noivo pra casar com seu RaiMUNdo... poderoso héin [ ((risos))

I. [ (nunca deu certo)...  
ele fa / ele viajava MUIto...ele viajava muito e:: ... ah ahn... uma **coisa**<sup>12</sup> que não deu certo mesmo né?... acho que é (**coisa**<sup>13</sup>) que num dá certo é assim... (**como**<sup>14</sup>) eu encontrei com ele... que **foi**<sup>15</sup> ... [ tiro e queda...

E. [ que a vida encaminha né?

I. éh... passei ci / quatro ano... e meses... **NOIva**<sup>16</sup>... ele vinha... terminava... não dava certo... voltava... era aquela confusão... **foi**<sup>17</sup> um dia até:: ... eu resolvi... casar assim na marra... digo... se é do... casamento... festa de casamento... a gente vai na estrada... pega o juiz... e casa lá... e **pronto**<sup>18</sup> ... só com a **roupa**<sup>19</sup> do **coro**<sup>20</sup> ... **roupa**<sup>21</sup> do **corpo**<sup>22</sup> né? ... tá **bom**<sup>23</sup>... aí ajeitemo tudinho certo? ... que era justamente... quando minha irmã **falou**<sup>24</sup> pra ele que eu ia casar... aí quando eu **soube**<sup>25</sup> já:: ... o recado... que ele tinha mandado que tava doente... eu fui... pra Manaus... cheguei lá... tudo era mentira... que ele não estava doente (**coisa**<sup>26</sup>)

nenhuma... aí... terminei... passei um ano... separada... sem noivado né... aí **foi**<sup>27</sup> quando eu conheci ele... na quadrilha... brinCANdo lá na quadrilha...

E. daí dessa quadrilha se tornou...

I. marido... marido ( ) que eu **estou**<sup>28</sup> até **hoje**<sup>29</sup>... (o **homem**<sup>30</sup>) que eu amo ... graças a Deus

que...

E.  éh... quando tem que ser não adianta...

I. éh...

E. está  CERto...

I.  (é assim)...

E. e qual é a festa... que assim... vocês a / ... mais gostam de:: de co? comemorar aqui... a quadrilha?

I. éh... a quadrilha...

E. isso é animado né? ... em junho né?

H. éh... ( )  a gente sempre brinca

I.  **todo**<sup>31</sup> ano... **todo**<sup>32</sup> ano... a gente... a gente... brinca quadrilha...

E. e os filhos também?

I.  **todos**<sup>33</sup>

H.  todos

E. é mesmo é ( )? ((risos))

I. ele... o menino... o rapazinho... que é... meio... não... ele não... quase não...

( )

H.

não)

não gosta

(não gosta

E. (vocês) têm quantos filhos?

I. tem **dois**<sup>34</sup>

H. tem dois

I. casado

E. já grande né?

I. já:: ... é essa mocinha e **outro**<sup>35</sup> rapaz q /...

E. ah tá

(...)

Exemplo de transcrição fonética do *corpus*

MAN 002 BF – Fita 50, Lado A, 113 – 150

Nº	GIRO	PALAVRA	TRANSCRIÇÃO
01	120	pois	[ˈpoiz]
02	120	foi	[ˈfoj]
03	120	contou	[kõˈto]
04	120	foi	[ˈfoj]
05	124	poxa	[ˈpoʃvɐ]
06	124	novo	[ˈnovu]
07	124	homem	[ˈõmi]
08	125	pronto	[ˈprõtu]
09	125	foi	[ˈfoj]
10	126	noiva	[ˈnojvɐ]
11	127	noiva	[ˈnojvɐ]
12	129	coisa	[ˈkojzɐ]
13	130	coisa	[ˈkojzɐ]
<b>14</b>	<b>130</b>	<b>como</b>	<b>[kũmu]</b>
15	130	foi	[ˈfoj]
16	132	NOIva	[ˈnojvɐ]
17	133	foi	[ˈfoj]
18	135	pronto	[ˈprõtu]
19	135	roupa	[ˈhope]
20	135	coro	[ˈkoru]
21	135	roupa	[ˈhope]
22	135	corpo	[ˈkohpu]
23	136	bom	[ˈbõ]
24	136	falou	[faˈlo]
25	137	soube	[ˈsubi]
26	139	coisa	[ˈkohe]
27	140	foi	[ˈfoj]
28	142	estou	[ˈto]
29	142	hoje	[ˈozi]
30	142	homem	[ˈõmi]
31	145	todo	[ˈtodu]
32	145	todo	[ˈtodu]
33	146	todos	[ˈtodus]
34	148	dois	[ˈdojs]
35	149	outro	[ˈotru]

## Referências

- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: Uma Introdução Crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CORRÊA, Hydelydia Cavalcante de. *O falar do Caboclo: Aspectos Fonético-fonológicos e Léxico-Semânticos de Itacoatiara e Silves*. Rio de Janeiro, PUC, 2 sem. 1980. Dissertação de Mestrado em Letras: Língua Portuguesa.
- CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2 sem. 2004. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.
- NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1953.
- \_\_\_\_\_. *O Linguajar Carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Sussekind de Medonça & Comp. [s.d.].
- PRETI, Dino. (org.). *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Sociolingüística: Os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira*. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- SILVA NETO, Serafim da. *Guia para Estudos Dialetoológicos*. 2. ed. Melj. e ampl. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.